



### **E Deus com isso tudo?**

Face à convulsão elementar da natureza no sudeste asiático com milhões de vítimas, especialmente de inocentes, não são poucos que, angustiados, se perguntam: E Deus nisso tudo? Ele não é bom e onipotente como anunciam as religiões? Se é onipotente, pode tudo. Se pode tudo, porque não evitou o maremoto? Se não o evitou, é sinal de que ou não é onipotente ou não é bom. Como disse um poeta-cantador: se é para desfazer, por que que fez?

Desde que o ser humano discerniu a presença de Deus no universo e em sua vida, esta contradição representa uma chaga aberta. Os teólogos cristãos inventaram a teodicéia, vale dizer, a argumentação que procura isentar Deus das desgraças do mundo e ainda esclarecer o sofrimento. E fracassaram rotundamente, porque esclarecer o sofrimento não acaba com ele, assim como ler receitas culinárias não faz matar a fome. Daí entendemos a contundência de Jó, o eterno protestante, contra todos os seus "amigos" (e aí incluo a mim como teólogo e todas as religiões) que lhe queriam explicar o sentido da dor: "Vós não sois senão charlatães e médicos de mentiras. Se ao menos vos calásseis, as pessoas tomar-vos-iam por sábios". E continuamos a não nos calar....

Face a esta situação dilaceradora podemos alimentar, penso eu, três atitudes: de revolta, de resignação e de esperança contra todo absurdo.

A revolta se expressa por uma negação. Muitos dizem: Deus não existe. E se existir, é inaceitável, pois teríamos mais perguntas a fazer a Ele do que Ele a nós. Eu me recuso eternamente a aceitar uma criação de Deus na qual as crianças tenham que sofrer inocentemente. Este questionamento é compreensível e lógico. Mas ele não elimina o mal, pois este continua. Críticos, perguntamos: a razão é tudo? Deus pode ser aquilo que não podemos entender.

Se a revolta não responde, talvez a resignação? Esta realisticamente constata: a realidade é feita de bem e mal. É ilusório buscar a superação do mal, pois bem e mal vêm sempre juntos como a luz e a sombra. Sabedoria é buscar o equilíbrio e a aprender a viver sem uma esperança final. Freud e os sábios do Primeiro Testamento aconselham: "Aceita o princípio de realidade, modere o princípio do desejo; acolha o que te acontecer, mostre grandeza na dor". Esta atitude é nobre, modifica a pessoa mas não muda a realidade brutal.

A terceira atitude é a da esperança apesar de tudo. Parte reconhecendo claramente: o mal é um mistério indecifrável. Ele está aí não para ser compreendido mas para ser combatido. Por isso não é uma teoria que lhe dará sentido, senão uma prática. Desta nasce a esperança de que em tudo deve haver um sentido secreto para além do escândalo da razão. Ele se manifesta, por exemplo, no milagre de uma criança de três meses que se salva sobre um colchão que flutua nas águas revoltas ou na solidariedade do mundo todo para com as vítimas. A solidariedade não elimina a dor, cria a irmandade dos sofredores que impede a solidão e o desespero. Os cristãos e os budistas dizem: Deus não ficou indiferente ao sofrimento. Ele sofre junto. Andando no exílio da encarnação, gritou: "Meu Deus, por que me abandonaste"? A paixão de Deus na paixão do mundo nos faz crer que a esperança tem mais futuro que a brutalidade dos fatos. Deus

prometeu que "não haverá mais pranto, nem luto nem morte porque tudo isso passou". No entanto, o mistério continua mistério e como dói!

**Iboff@uol.com.br**

[07/JAN/2005]